

VENHA VER O PESO
DA CONSTRUÇÃO NACIONAL
NA AMAZÔNIA.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA
AMASSI PALMEIRA



11º ENCO

ENCONTRO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO

BELÉM DO PARÁ

16 A 19 DE MAIO DE 1993.

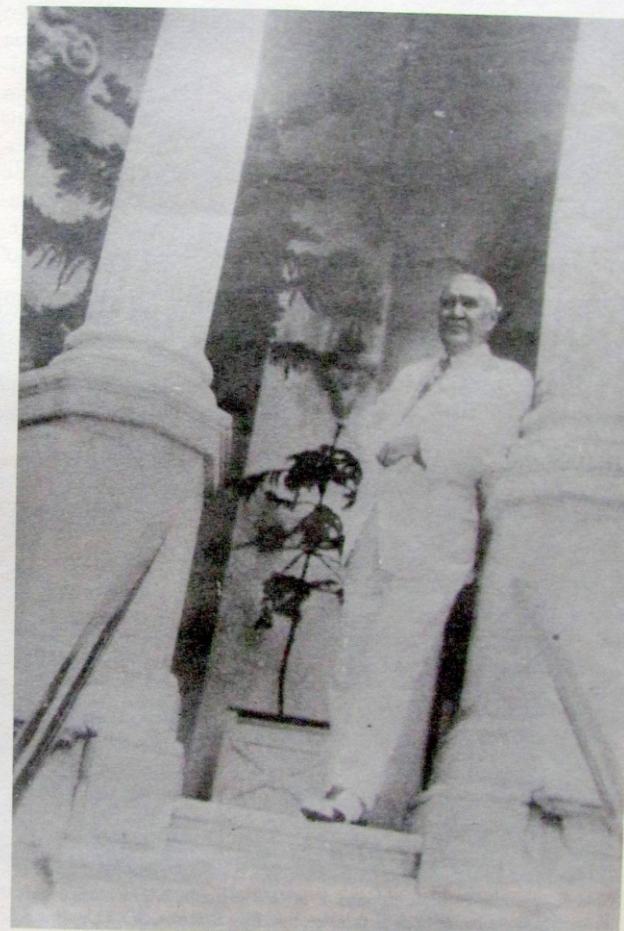
FRANCISCO BOLONHA e sua história

à Sra.
ELZA DE CAMPOS SOARES
saudosa e querida amiga
com carinho

Assisi Palmeira

FRANCISCO BOLONHA nasceu em Belém do Pará em 22/10/1872 e faleceu também em Belém em 08/07/1938, portanto, com 66 anos de idade. Veio à luz na casa de seus pais, Cel. Francisco Bolonha e D. Henriqueta Bolonha, na Av. Nazaré, esquina com Assis de Vasconcelos, no lugar onde foi o Grupo Escolar Floriano Peixoto e hoje está localizado o Conselho Estadual de CULTURA.

Fez seus primeiros estudos no Colégio Americano do Prof. José Veríssimo e depois concluiu seu curso superior na Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde diplomou-se engenheiro civil e arquiteto. Fez vários cursos no exterior, frequentou a escola de arquitetura de Nice e de Paris e também especializou-se em hidráulica na Holanda e, posteriormente, na Inglaterra, adquirindo larga experiência em sistema de implantação de água encanada, reservatórios e adutoras em área urbana e rural. A pedido do Governador Paes de Carvalho projetou o reservatório de água "PAES DE CARVALHO", que encomendou às "Usiminas Metalúrgicas" da firma BOUDET, DONON & Cia. de Paris.



Eng.º Francisco Bolonha no hall de entrada do Palacete Bolonha, vendo-se ao fundo N.Sra. de Nazaré e as árvores de pinheiro na decoração. Tinha por hábito usar roupa de linho irlandês.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA

Em 1901 terminou o quadriênio do Dr. Paes de Carvalho e esse material ficou abandonado nos armazéns do porto por longo período apodrecendo ao relento.

Augusto Montenegro foi o sucessor de Paes de Carvalho, e para enriquecer o visual da caixa d'água encomendou uma grade espetacular com magnífico portão à firma de Walter Mac Farlane & Cia. Em 1904 chamaram Francisco Bolonha para dirigir o serviço da caixa d'água. O engenheiro Inocêncio Holanda organizou o orçamento e os planos de construção da caixa d'água para o governo. Francisco Bolonha alertou para o estado precário do material onde muitas peças haviam até desaparecido, e entre estas tu-

bos de real importância.

Fizeram a primeira tentativa de aproveitamento desse material em 1908 e, no primeiro teste de carga, um tubo rebentou, e depois mais outros por causa do estado precário do ferro corroído. Os jornais diziam que era falha de fundição. A política entrou no meio prejudicando e tumultuando a conclusão desse projeto. O Governador João Coelho, em 1912, inaugurou a Caixa d'Água com o auxílio do eng^o Luiz Maximiliano de Miranda Corrêa; mas nunca funcionou normal. No primeiro governo de Magalhães Barata, quando era diretor do Serviço de Águas André Beneditto, tentaram a utilização do reservatório "Paes de Carvalho"

tornando a pedir a ajuda de Francisco Bolonha e ele mostrou que não dava mais. Em 1932 Francisco Bolonha fez o relatório do canal do UNA e também foi chamado a dar parecer sobre a Estação de tratamento de água de Belém, em S. Braz. Bolonha elaborou um relatório "Hidro-técnico e Técnico Econômico", colaborando assim para resolver o problema da água de Belém.

Bolonha foi também o quarto Diretor da Escola de Engenharia do Pará e contava-se entre os seus fundadores. O Dr. Paulo Eleutério da Silva Senior levou a idéia de Bolonha da criação da Escola de Engenharia à Magalhães Barata que era então Interventor Federal. Bolonha dava apoio em



Sala de jantar do Palacete Bolonha: 1) relógio ao fundo; 2) 2 meninas e mais Dinair Costa de Souza (Abreu); 3) Francisco Bolonha, de branco, D. Alice, Sra. Elza Bolonha, Sra. Eglautina e Benjamin Bolonha; 4) Na frente de D. Alice a menina Nair, sentada, e mais outras crianças. Era uma manhã de domingo e Francisco Bolonha reunia a criançada para fazer mágicas, almoçar e receber presentes.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA

silêncio à Escola, pois queria muito dar aos paraenses uma Escola Técnica Superior de Engenharia. Agia cautelosamente pois tinha receio que lhe cortassem os planos. Foi grande incentivador da Escola de Engenharia.

O Interventor José da Gama Malcher nomeou Bolonha Diretor de Viação e Obras Públicas, para a vaga do Prof. Raimundo Viana que havia falecido.

Algumas realizações de Francisco Bolonha

1) Reforma do prédio da "FOLHA DO NORTE"

Havia no local uma edificação antiga e Bolonha verticalizou o prédio usando, para isso, estrutura metálica com barras de ferro fundido (dizem até que seriam trilhos de bonde ou cousa parecida). O visual ficou elegantíssimo, com os condutores de água de ferro decorado alinhados de cada lado e as belas grades das janelas e do interior do prédio. A data da reforma estava fixada no frontão do prédio: 1882. Lamentavelmente toda essa beleza interna desapareceu quando lá estabeleceu-se o "O Liberal". Segundo informações de técnicos da USP esta seria a primeira aplicação de concreto em edificações. No tempo em que o palacete da Folha do Norte ficou concluído usava-se estrutura metálica apenas em pontes, na Inglaterra e na França. Bolonha observou as pontes que lá se faziam e teve a idéia de usar a estrutura metálica nas paredes e vigamentos da casa. Assim teria ele descoberto o concreto.



Quarto de dormir do casal no Palacete Bolonha: janela para S. Jerônimo e outra janela para a Vila Bolonha, note-se o armário embutido ao lado direito e piso de acapú e pau amarelo. Vê-se no teto o rebaixamento com renda dourada de metal que permitia a circulação de ar e nas paredes escápulas de bronze para armação de rede. Bolonha gostava de dormir em rede.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA



Francisco Bolonha, seus familiares e amigos. Sala de jantar do Palacete Bolonha vendo-se ao fundo o arco da sala de música e o relógio no buraco da parede. Da esquerda para a direita: Olavo (irmão de D. Elza), Francisco Bolonha, D. Alice Bolonha, Sra. Eglautina Bolonha, entre estas a menina Nair e mais duas crianças. Por trás: um rapaz, Sr. Benjamin Bolonha, uma mocinha, D. Elza Bolonha e outra moça. Na frente: uma menina, Srta. Eneida Costa de Souza, hoje Salamonde, e sua irmã Dinair Costa e Souza (hoje Abreu) e mais 3 meninas. Era uma manhã de domingo e Bolonha reunia a criançada para o almoço, onde distribuía presentes.

2) Prédio do Corpo de Bombeiros

Francisco Bolonha executou o projeto de Domingos Acatauassu para a sucursal do Corpo de Bombeiros. Enriqueceu de tal ordem o projeto que no fim quase não tinha nada do original. A beleza das instalações do Corpo de Bombeiros no Pará chama a atenção de todos os visitantes de Belém, especialmente artistas plásticos e arquitetos.

3) Chalets de ferro de Belém

Histórico: Em 1888 Bolonha visita ainda jovem, a Exposição Internacional de Bruxelas, vai a Bélgica e visita, também, a Société de Forges D'Aiseau, em 1890,

onde toma conhecimento das casas pré-fabricadas por Joseph Danly. Ora, em 1840 foi descoberta a técnica de fazer ferro conrugado, galvanizado para vedações e, assim, o ferro fundido foi deixado de lado. No século XIX o ferro fundido foi usado em todo tipo de construção sendo os ingleses e escoceses que melhor dominavam a técnica. Os alemães e franceses também trabalhavam em ferro fundido, mas em menor escala. Haviãam catálogos que mostravam todos os tipos de peças: portões, grades, apliques, escadas, casas, etc. Foi aí que Francisco Bolonha mostrou seu talento. Usou peças de mostruá-

rio a seu modo e acrescentou outras que desenhava e mandava fazer por encomenda obtendo efeitos visuais magníficos. Em plena revolução industrial, passava Bolonha pela Europa azeberando-se com tudo que via e trazendo novidades para Belém. Seu pai, o Cel Francisco Bolonha, enriquecido pela borracha, soltava todos os recursos para o filho que tanto o envaidecia. Assim, contando as maravilhas que via no velho mundo, Bolonha deslumbrava os amigos e sempre recebia encomendas quando ia à Europa. Foi assim que, entre outras coisas, trouxe os chalets de ferro, que são três:



Lateral do Palacete Bolonha vendo-se o vidro de cristal da janela com iniciais FB, besotado e a decoração floral com todo o ecletismo da época. Observe-se o trinco de bronze que ainda é o original.

- 1) Casa do Av. Generalíssimo Deodoro 694 que pertenceu a Augusto Coelho, em 1892.
- 2) Casa da Av. Almirante Barroso 735 que pertenceu à viúva de Eugenio da Silva Gaspar, em 1925, e agora abriga a Imprensa Oficial.
- 3) Casa da Al. Barroso nº 125 que pertenceu ao Senador Álvaro Adolfo e depois ao clube Monte Líbano.

Todas essas casas são construídas pelo sistema de Joseph Danly de Forges D'Aiseau na Bélgica, com chapas de ferro estampadas duplas distando umas das outras 0,20cm e 0,40cm, deixando um espaço de circulação de ar entre as duas paredes. Rente ao rodapé e também próximo ao forro tem uma lâmina com buracos para controlar a ventilação interna. Basta arredar a lâmina para vedar os furos. São chapas de ferro galvanizado, compondo alpendres e varandas, e sanitários fora do núcleo da casa.

Geraldo Gomes da Silva fez cuidadoso estudo dessas casas em seu livro "Arquitetura de Ferro no Brasil". Ingleses, franceses e belgas utilizaram em suas colônias esse tipo de habitação.

4) MERCADO DA CARNE EM BELÉM:

Em 1867 foi construído o Mercado de Carne do Ver-o-Peso, em alvenaria de tijolos, com portões, armários, e aparadores de madeira. Em 1908 foi inteiramente reformado por Francisco Bolonha, inaugurando-se em 17 de dezembro do mesmo ano. Bancas e aparadores de madeira foram trocados por mármore e ferro.

Portões de madeira por magníficos portões de ferro com decorações em bronze, acrescentados os sanitários de opalina. Portas de metal ondulado de enrolar para garantir a segurança interna. Magnífica caixa d'água que não mais existe. Mosaicos franceses com motivos florais art-noveau, maravilhosa escada em espiral ao centro que levava à caixa d'água. Balanças com cabeça de boi em bronze e pratos quadrados em mármore. (O jornal alertava para o perigo dos pratos de cobre que eram prejudiciais à saúde, em contacto com certos alimentos como o sal). Essa idéia Bolonha trouxe dos Estados Unidos. As grades Art-noveau foram dese-

nhadas e feitas por encomenda juntamente com os portões à Walter Marc Farlane, Glasgow (Escócia). A cobertura de ferro do maravilhoso visual também são de Marc Farlane. O requintado Bolonha dava ao povo do Pará o que era de mais elegante e higiênico em matéria de mercado. A falta de higiene mais tarde atrairia os urubus, obrigando o governo a colocar tela de arame para proteção.

5) MERCADO DE PEIXE EM BELÉM;

Em 01/12/1901 foi inaugurado o Mercado de Peixe em Belém, com o nome de Bento Miranda e Raimundo Viana como Enge-

neheiros construtores, porém com afirmativa de Francisco Bolonha a seus familiares, D. Elza Bolonha (sobrinha e filha de criação) e Sr. Luciano Soares esposo de D. Elza Bolonha Soares, e mais do Sr. Engº Jarbas Pereira, que o mercado era de propriedade particular de Bolonha e que, com recursos dele, fôra construído para obter concessão, durante 30 anos, da venda do pescado no Ver-o-Peso. Bolonha dava de graça o gelo para os pescadores em troca do monopólio do peixe. Os pescadores que recebiam gelo de Bolonha só podiam vender o peixe para ele. E foi com o dinheiro do peixe que Bolonha enriqueceu, e pode superar a crise



Sala de jantar do Palacete Bolonha: azulejos brancos com iniciais F.B em ouro. Esquerda para direita: Vê-se a escada de caracol que foi retirada. 1) Sr. Olavo Bolonha (irmão de D. Elza Bolonha); 2) a menina Nair; 3) Francisco Bolonha; 4) D. Elza Bolonha; 5) D. Alice Bolonha; 6) Sra. Eglautina Bolonha.



Residência do major Carlos Bricio da Costa que depois pertenceu ao Sr. José Júlio de Andrade, construído por Francisco Bolonha em 1904. Na data desta foto aí se hospedava o Presidente da República.

da borracha de seu pai, que na velhice, já cego, viu-se sem recursos para manter a família.

Segundo depoimento acima mencionado, Bolonha encomendou a Walter Marc Farlane o mercado que tem toda sua estrutura de ferro fundido e como única preocupação decorativa ferros perfilados combinados entre si sem grades de decoração. As torres lembram as construções inglesas (neo-gótico) com influência da exposição de Paris de 1889 (Pavilhão de Máquinas). A cobertura é feita com telhas chatas de Marselha e nas torres com escamas de zinco pelo sistema "Vielle Montagne".

6) MERCADO DE S. BRAZ:

Em 1911 Felinto Santoro projetou e construiu o Mercado de S. Braz com Luiz Bisi como mestre de obras. O engº Jarbas Pereira, a Sra. Elza de Campos Soares (sobrinha e filha de criação de Bolonha, Sr. Luciano Soares que conviveram com Bolonha, afirmam ser a construção de Bolonha, porém o que deve ter ocorrido foi uma grande reforma, como no Mercado de Carne do Ver-o-Peso, porque o material usado foi o mesmo: aparadores de mármore, balanças com cabeça de boi de bronze e estrutura metálica na cobertura:

7) Quiosques:

Francisco Bolonha trouxe também vários quiosques, e conhecemos ainda um na Praça Brasil, um no início da Pres. Vargas, onde está a estátua de Pedro Teixeira, e o outro ao lado do Teatro da Paz, mas não sabemos se a procedência é francesa ou inglesa.

8) Palacete Major Carlos Bricio da Costa:

Este palacete está situado na Av. Gov. José Malcher, antiga S. Jerônimo, com Trav. Joaquim Nabuco, onde funciona hoje a SEPLAN, e possui uma placa com assinatura de Francisco Bolonha e a data de sua inauguração, 1904. Este lindo palacete que

se caracteriza pelas linhas verticais de extraordinária elegância e riqueza de detalhes em mármore e grades de ferro e lustres de cristal, e janelas com cristal de monograma e bordaduras em transparência, estava colocado em uma praça e tinha um coreto ao lado. Hoje o tecido urbano engoliu a praça e o coreto, encurralando-o em um canto, tirando-lhe a graça e leveza de outrora. Foi vendido ao Cel. José Julio de Andrade que nele habitou até sua morte.

9) Outros prédios no Rio de Janeiro:

Francisco Bolonha também edificou alguns prédios no Rio de Janeiro.

10) Rampa para facilitar pouso de aviões:

Francisco Bolonha construiu uma rampa de apoio ao pouso de aviões na Baía de Guajará.

11) Fábrica de gelo e geladeiras:

Francisco Bolonha diversificou seus negócios montando uma fábrica de gelo na rua Gaspar Viana. Vendia gelo a retalho em carrocinhas que percorriam a cidade com um sininho tocando. Vendia também geladeiras feitas de uma cuba de esmalte revestida de madeira elegantemente decorada como se fosse uma arca. Colocava-se dentro o gelo e sobre este as bebidas e alimentos que se queria refrigerar e fechava a tampa.

Assim Bolonha modernizava-se. Em 1904 assistiu o 1º vôo de Santos Dumont em Paris sempre trazendo idéias novas da Europa. Também em 1887 visitou o Palá-



Concha acústica da sala de música do Palacete Bolonha.
O lustre não é original.
O original tinha os querubins saindo em cascata e cada um tinha na mãozinha uma luz.



Cel. Francisco Bolonha
pai do Engº Francisco
Bolonha

cio de Cristal na Inglaterra com o pai, e ficou deslumbrado, trazendo daí o gosto que tinha pelos cristais.

Bolonha tinha a renda dos mercados e Magalhães Barata tomou isso dele em 1937 arruinando-lhe as finanças, embora ele continuasse como Diretor da Escola de Engenharia.

Quando Francisco Bolonha faleceu, o Sr. Luciano Soares foi procurador da viúva Sra. Alice Tem-Brinck, e teve, por solicitação dela, de vender o palacete para liquidar alguns débitos por cento e cinquenta contos de réis. Só as escadas de mármore foram vendidas no dia seguinte por esse mesmo preço (cento e cinquenta contos de réis!)

12) Conjunto arquitetônico - Palacete e Vila Bolonha
Curiosidades e inovações.

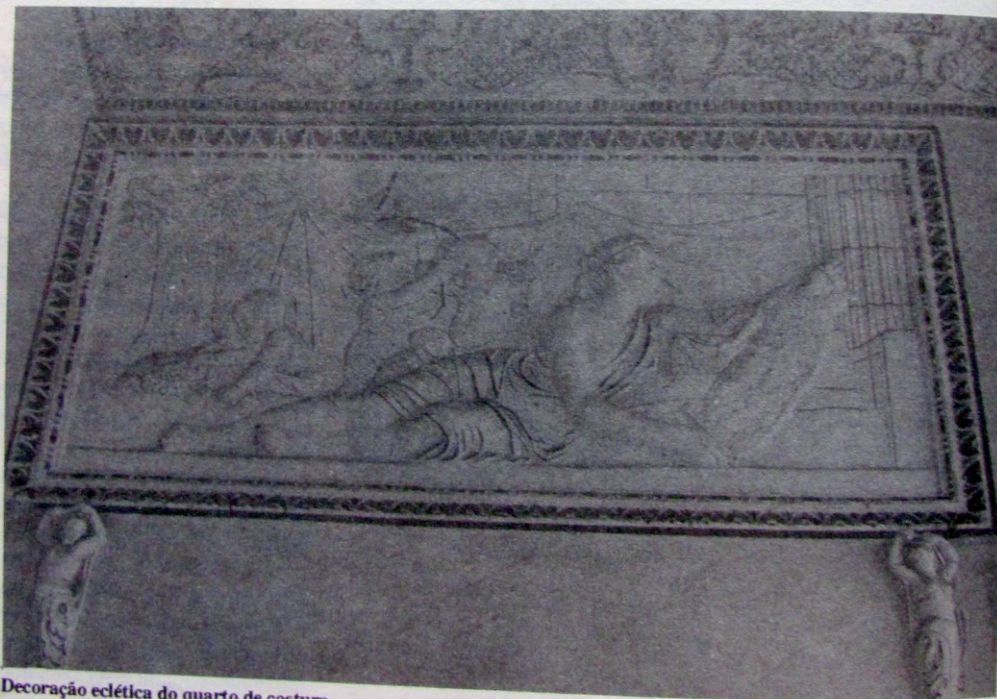
Uma promessa de amor deixou em Belém a marca indelével do talento de um de seus filhos mais ilustres: FRANCISCO BOLONHA.

"DAR-TE-EI UM PALÁCIO" disse ele a esposa amada D. Alice Tem-Brinck, pianista de renome recém-chegada do Rio de Janeiro. Deu-lhe mais que um palácio, deu-lhe um conjunto arquitetônico que a envolveu de elegância e beleza por toda sua vida em Belém do Pará.

Esse conjunto arquitetônico incluía em destaque o Palacete, seguido pela vila que guarda o nome de Bolonha, com saída para a rua Boaventura da Silva e para a Trav. Piedade e rua Tiradentes e Benjamin Constant. Esta última parte não chegou a ser concluída.



Teto e lateral do lavabo social anexo ao salão de baile do Palacete Bolonha. Decoração com "rosas de todo ano".



Decoreção eclética do quarto de costura.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA



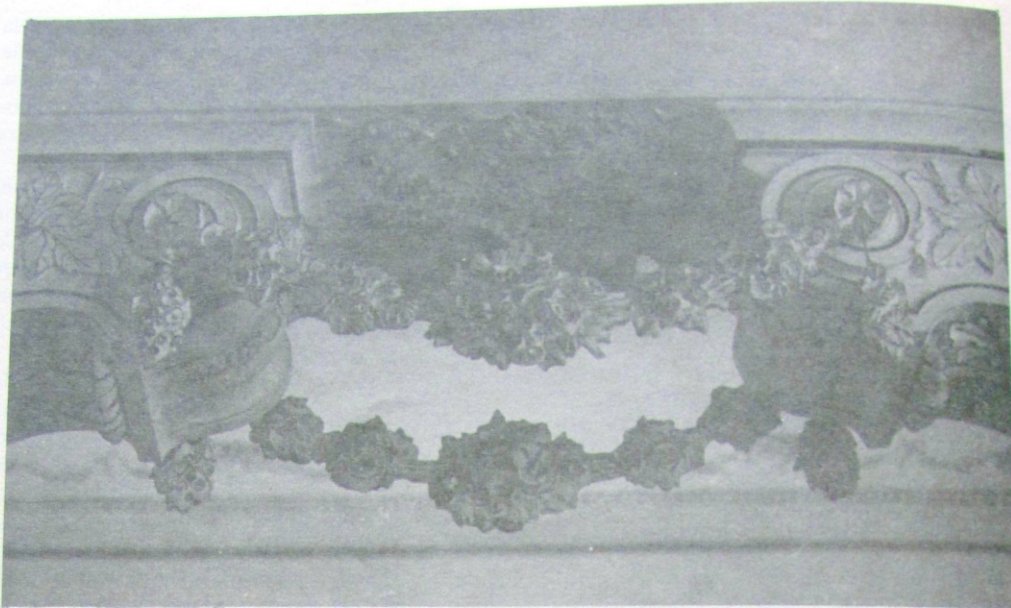
Vista de cima das escadarias de mármore na entrada do Palacete Bolonha. Por baixo do florão do piso ficava o lugar do cachorro sob as escadas.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA

Havia ainda a casa da esquina da Dr. Moraes com S. Jerônimo onde habitou o Dr. Acilino de Leão, que era do mesmo estilo, com todos os acabamentos e requintes iguais à vila.

O prédio construído ao lado esquerdo de quem sai para a rua Boaventura da Silva foi habitado pelo pintor Teodoro Braga e para ele Bolonha fez um estúdio com teto de vidro com magnífica vista para a baía de Guajará.

Para esse conjunto, Bolonha escolheu o lote com muito cuidado levando em conta o ponto de vista estratégico. O Palacete permite muitas fugas, e tem 3 saídas: pela S. Jerônimo, pela vila Bolonha, e pela Trav. Piedade indo-se pelos fundos onde Bolonha construiu um grande barracão para depósito de materiais que usava nas construções. Bolonha presenciou muitos desmandos políticos e sabia o quanto era necessário um esquema de defesa seguro. Por todos os lados é possível escapar do Palacete, considerando-se os mirantes de observação da cobertura que dão visão panorâmica da região. Entre algumas guirlandas que ornamentam os exteriores existem barras de ferro que servem de escadas numa emergência. Nas mansardas do teto existe um verdadeiro labirinto de espaços que se interligam dando oportunidade a um possível esconderijo. Com um pouco de coragem é possível contornar os telhados por fora e caminhar pela cobertura sobre as calhas de cobre para ir de um telhado para outro e isso inclusive facilita a limpeza. Tem-se uma visão panorâmica da cidade. A preocupação com goteiras e reparos da cober-



Arco de decoração da sala de música do Palacete Bolonha



Teto da biblioteca vendo-se a escada a direita, e o local onde estavam as estantes de livros em cima.



Lateral pela Vila do Palacete Bolonha. Vê-se os capitéis das colunas decorados com flores, no caso rosas, não tem folhas de acauto. Em baixo vê-se a janela do quarto dos empregados que dá para a Vila.

tura tira o sono dos paraenses por causa das chuvas abundantes, mas para Bolonha isso não existia.

1º) VISUAL: Bolonha considerou também os declives do terreno que davam um bom escoamento para as águas e garantiam uma perspectiva elegante de qualquer ângulo que se observasse os detalhes do conjunto. A pavimentação da vila era em paralelepípedos entrancados em espinha de peixe mostrando a rampa de subida em toda a sua elegância. Bolonha usou a rampa natural para embeleza seu conjunto e esse agora é um novo conceito na arquitetura moderna.

2º VENTILAÇÃO: - O calor dos trópicos foi tratado com cuidado por Bolonha. A ventilação do Palacete é perfeita o que dispensa ar condicionado. No térreo, onde era a barbearia, tem um buraco de ventilação retangular na parede que captava o ar vindo da Dr. Moraes e S. Jerônimo permitindo que ele subisse e se espalhasse pelos pisos superiores através do cone da escada. Em todos os andares, sobre as janelas existem buracos retangulares, devidamente telados para permitir a circulação de ar. Alguns compartimentos tem um rebaixamento no forro contornado com tela de latão filigranada, também com a finalidade de facilitar a circulação de ar.

3º) INOVAÇÕES:

Metal sanfonado do tipo "de-
ploié" no forro da biblioteca.

No forro da biblioteca foi aplicada massa decorada com motivos florais para fixação de massa no teto foi usada a tela sanfonada do tipo "deploié". Naquela época ninguém usava essa técnica. Será que ele inventou isso? Usava-se madeira para o forro e também (como no Palácio do Governo) placas de metal pintado que eram parafusadas na estrutura de madeira. Observamos essa técnica na casa de Victor Maria da Silva onde as placas são iguais as do Pal'zacio do Governo.

4º) Dependência de empregados com entrada e saída independentes.

Este é um conceito moderno de arquitetura que foi usado por Bolonha no Palacete. Os empregados saíam à rua pela vila ou pela S. Jerônimo sem incomodar os patrões. Tinham plena liberdade.

5º) Aproveitamento de todos os espaços disponíveis.

Não há espaços ociosos no Palacete. Lá não existe porão, nem forro com teias de aranha como nas casas coloniais. O térreo foi usado em toda sua extensão com muita elegância, e nele fica a sala de jantar dos empregados com o mesmo tratamento da sala de jantar de Bolonha: azulejos brancos com monogramas em ouro e baixo relevos em porcelana com motivos neo-clássicos.

6º) Armários embutidos:

Bolonha colocou armários embutidos nas paredes do térreo na copa e na parede do quarto de dormir do casal no 3º piso.

Obs.: Sabemos também que armário embutido é novidade em arquitetura, mas no Palacete existe desde sua fundação.



Portão de entrada do Palacete Bolonha, e a esquerda vê-se a janela da barbearia

7º) Água encanada fria e quente em todos os andares, mesmo quando não havia água encanada em Belém. Tinha uma caldeira movida à vapor no térreo, ao lado da cozinha que era alimentada com lenha, e que fazia a movimentação hidráulica.

Obs.: Bolonha era engº hidráulico com especialização na Holanda de onde procedia a família de sua esposa.

8º) Banheiros:

Banheiros requintados dentro de casa com ducha circular e de nuca enclausurada em bôx de mármore. (Não havia rede de esgoto sanitário na rua nem água encanada nas casas, porisso os banheiros eram fora do núcleo da casa). Bolonha usou válvulas de escapamento de água desenhadas por ele, pois não existiam à venda, por não haver água encanada. O banheiro do casal incluía ainda uma banheira quadrada para banho de assento com água fria e quente. (Bolonha tinha problemas renais). Porta giratória do banheiro para a rouparia, e louças e metais ingleses.

O lavabo do quarto de dormir de Bolonha tem uma pia onde a válvula de retenção e escoamento é acionada com um toque, como nos lavabos dos aviões. Será que ele inventou isso?

9º) Jardim suspenso no 3º piso todo envidraçado lembrando o Palácio de Cristal.

Piso de vidro no lavabo do salão de baile pelo mesmo motivo.



Sra. Elza Bolonha de Campos
(sobrinha de Bolonha
e filha de criação)

Obs.: O conceito de jardim é moderno, ele surgiu na Inglaterra por causa da poluição industrial. O máximo que o Palacete poderia ter era um jardim lateral.

10º) Portas e janelas sanfonadas que se recolhem graciosamente para cada lado colocando-se elegantemente rente a parede. Trincos, dobradiças e metais com bronze polido.

11º) Concha acústica na sala de música, onde o piso é primoroso trabalho de entalhe em acapú e pau amarelo, com desenho de Bolonha. Nessa sala os mamilos das musas da parede eram em ouro de 18 quilates.

12º) Para suavisar o calor, piso em pastilhas sextavadas de mármore em cores suaves, azul, rosa e branco. Somente os

quartos de dormir e a sala de música têm piso de madeira.

13º) Relógio colocado dentro de um buraco na parede que dá para a sala de música e escada. Via-se a hora pelos dois lados. Era dourado dentro de uma caixa de cristal.

14º) Manejo fácil nos lustres e cristais para atender aos requintes de Bolonha. Combinava os cristais com os ambientes



Entrada do Palacete Bolonha, da esquerda para direita:

- 1) Sra. Elza Bolonha
- 2) Carmem Bolonha (de óculos)
- 3) Francisco Bolonha (sobrinho)
- 4) Sra. Eglautina Bolonha (ao fundo)
- 5) Sra. Nazaré Vasconcelos (pianista) à esquerda
- 6) M^{te} de Nazaré (Marita Bolonha) brincando.

a cada reunião, por isso o palacete era todo branco para atender à decoração. Bolonha reunia em sua casa a elite cultural de Belém e trazia frequentemente artistas de fora para os saraus que promovia.

15º) No hall de entrada existe ainda um nicho onde estava colocado o busco de Nossa Senhora de Nazaré. A capela no 3º piso também foi consagrada à N. Sra. de Nazaré.

16º) Escadarias de luxo.

Escadas de mármore branco com magníficos leões fazendo arremate, no térreo e 3º piso. Escadas de ferro fundido em caracol com corrimão de bronze polido e piso de mármore róseo, iam do térreo ao 3º piso aos fundos do prédio.

17º) Azulejos franceses decorados com "rosa de todo ano", preferidas de Bolonha, no lavabo do salão de baile e no banheiro social, com motivos de flores aquáticas e aves marinhas.

Na revista "ESPAÇO" de outubro de 1977 foi publicada descrição detalhada dos aposentos do Palacete e também do conjunto.

18º) As casas que dão continuidade à Vila têm o mesmo tratamento do Palacete, com os mesmos detalhes. O estilo lembra muito as construções inglesas. Todo o conjunto é muito elegante, e por aí só basta para imortalizar Bolonha.



Hall de entrada do Palacete Bolonha. Vê-se o nicho vazio onde outrora estava o busto de N. Sr^a de Nazaré

Entrevista com a Sr^a Eneida Salamonde

A Sra. Eneida Salamonde voltou à Belém depois de muitos anos e foi visitar o Palacete Bolonha que abrigava, então, a "Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Governo", lá encontrando fotos antigas das reuniões dos Bolonha no Palacete, vendo-se nas fotos nos conta seu espanto e suas emoções.

Pergunta: O que aconteceu naquele do Palacete?

Resposta: Foi um concerto da Maria de Nazaré Pinheiro Vasconcelos. Daquela reunião, eu me lembro muito bem, pois marcou muito. Ela era uma jovem muito bonita e eu tive oportunidade também de assisti-la no Teatro da Paz em um concerto brilhante. Eu tocava piano também, pois estudei até o 8º ano aqui em Belém.

Daquela reunião me lembro muito bem. Maria de Nazaré tocou de L.m. Gottfchalk "A Grande Fantasia Triunfal do Hino Nacional Brasileiro". O compositor foi Embaixador Americano no Brasil e fez essa música para a Princesa Izabel, esposa do Conde D'Eu.

Eu estava extasiada, via de pertinho, na sala de música do Palacete, Nazaré executando Gottfchalk maravilhosamente bem, e quando terminou o concerto, foi vibrante!!... Uma emoção inesquecível. Tudo era beleza, requinte, elegância em torno de mim, parecia um sonho!...



Entrada do Palacete Bolonha: escada de mármore.

- 1) Sra. Eneida Costa de Souza (Salamonde)
- 2) Sra. Dinair Costa Souza (Abreu)
- 3) Sra. Alice Bolonha (esposa de Francisco Bolonha)
- 4) Sra. Eglautina Bolonha (esposa do irmão de Francisco Bolonha)
- 5) Na frente a menina Nair
- 6) Por trás Sra. Elza Bolonha de Campos (Soares)
- 7) Francisco Bolonha, vendo-se ao fundo o busto de N. Sra. de Nazaré sobre o nicho.

FRANCISCO BOLONHA
O
ARQUITETO DA AMAZÔNIA



Dra. Annuciada Chaves que conviveu com Francisco Bolonha e sua esposa prestou preciosas informações sobre o Palacete Bolonha e seus proprietários. Ao fundo caixa d'água, "Reservatório Paes de Carvalho" pintada por Manoel Pastana e construída por Francisco Bolonha

Aquele era um momento mágico que marcou mais tarde toda minha vida. Nazaré tinha estado aqui para dar concertos, pois ela já era concertista de renome, e o Dr. Chiquinho (como eu o tratava) convidou-a à tocar no Palacete para as jovens amiguinhas de Elza.

Pergunta: - Eneida, você visitava este palacete sempre?

Resposta: Sim. Eu vinha, brincava, conversava, ouvia música, almoçava, me entretinha pois os domingos do Palacete eram muito gostosos. O carnaval era esperado com ansiedade porque no domingo de Carnaval, ele costumava reunir a meninada toda, os amiguinhos de Elza. O almoço saía na hora certa no ritual de sempre e mais, ao lado do prato de cada um o Dr. Chiquinho colocava sempre um presente: "aquela" caixa de lança-perfume fechada, pacotes de serpentina e de confetes fechados. Eu era uma menina que não tinha acesso a uma só lança-perfume, de repente ganhava uma caixa toda lacrada. Aquilo era um acontecimento, e eu esperava este carnaval com muita ansiedade.

O domingo deles era das crianças, e eu participava sempre dos domingos alegres do Palacete. Dr. Chiquinho nos encantava fazendo mágicas, nos ensinando, nos educando. Era um aprendizado alegre e festivo.

Pergunta: Bolonha era então um Mecenas?

Resposta: Sim, ele ajudou muitos jovens, até mesmo pagando-lhes os estudos, oferecendo li-

vros e material escolar, dando aulas. Eu por exemplo fui para o Rio com carta de recomendação para morar com os parentes de D. Alice e lá consegui meu primeiro emprego de secretária esteno-dactilógrafa em vinte dias. Oito anos depois, conheci meu marido, um curador de menores Eduardo Guimarães Salomonde, que se apaixonou pela minha música, a música e a beleza que aprendi no Palacete Bolonha.

Quando entrei no Palacete, cinquenta anos depois, senti uma emoção tão grande, me assombrei quando vi minha foto lá. Disse: Ah! eu estou aqui!... E, o tempo girou de repente... e vi toda a beleza de minha juventude naquele momento vibrante!... Gottfchalk "Grande Fantasia Triunfal do Hino Nacional Brasileiro"!... Eu tinha 15 anos no dia do concerto. Via tudo de repente: a mesa de cristais finíssimos, toalhas bordadas lindas!... Olhava o teto, as paredes como monogramas de ouro, o piso de cristal e uma pia grande dourada com torneiras de ouro no lavabo do salão de baile. Mas, o chão de vidro era demais para mim, pulava em cima e não quebrava. Descia pela escada de caracol e passava pela copa dos empregados reunidos ao redor da mesa de mármore retangular, sentados com elegância, bem arrumados, todos claros brancos, só a governanta de cor.

D. Alice costumava nos levar pela escadinha de caracol para a capela que era pequenininha e tinha um calor especial que me atraía. Descíamos pela escada de mármore toda branca com late-



Reservatório "Paes Carvalho", a popular "caixa d'água", envelhecida e completamente envolvida pelo tecido urbano.

rais trabalhadas com dois leões.

D. Alice reunia os jovens para saraus de música e arte. Se sou grande apreciadora de música, devo aos Bolonha. Formei minha personalidade artística graças aos Bolonha, e também os requintes de mesa foi com eles que aprendi. Pela primeira vez provei aspargos

franceses quando passava pela mesa dos criados, na sala de jantar destes lá no Palacete. Eles estavam comendo aspargos e me ofereceram dizendo: prove esta novidade do almoço de hoje, veio das Europas para o patrão.

As quintas-feiras D. Alice reunia os adultos, amigos dela para

os saraus litero-musicais. Vinham artistas famosos, cantores líricos, músicos, atores, mostrar seu talento sob os arcos do salão nobre do Palacete. Elza nos contava as surpresas dessas noites de encantamento. Sinto imensa gratidão por todas as oportunidades felizes que eles me deram.



Hall de entrada do Palacete Bolonha.

Esquerda para direita:

- 1) Carmem Bolonha (sobrinha de Bolonha)
- 2) Francisco Bolonha (sobrinho de Bolonha)
- 3) A menina Nair
- 4) Olavo Bolonha (na frente)
- 5) Marita Bolonha (na frente)
- 6) Sr. Benjamin Bolonha (por trás)
- 7) Sra. Eglautina Bolonha

Francisco Bolonha - O homem e sua época

Francisco Bolonha nasceu durante a Monarquia e morreu depois da República já no doloroso período da Ditadura de Getúlio Vargas.

Ele conheceu a escravatura e também os movimentos abolicionistas incluindo as poesias de Castro Alves, gestos de Carlos Gomes de comprar escravos para em seguida alforriá-los. Frequentou o Teatro da Paz no seu apogeu vendo Carlos Gomes no palco regendo em homenagem ao povo do Pará. Assistiu os movimentos revolucionários brasileiros e especialmente no Pará, testemunhando, também, a glória e a queda da borracha e seus desastrosos efeitos econômicos. Com o ouro da borracha conheceu o mundo, educou-se e participou da revolução industrial na Europa, trazendo novas idéias para Belém, modificando a paisagem urbana. Espantou a sociedade paraense com seus refinamentos. Era romântico, galanteador e discreto. Usava sempre branco, e branco era seu palacete e tudo que o cercava. O branco era sua libertação e o cristal sua fantasia. Era profundamente humano. Ajudou em silêncio muitas pessoas inclusive parentes. Pagava os estudos de muitos jovens que frequentavam o Palacete, mas não permitia que ninguém soubesse disso.

Tinha horror à escravatura, por isso não permitia pessoas de cor entre os criados, somente a governanta, que tinha poder de mando, era de cor. Todos eram



Sr. Luciano Soares e Sra. Elza Soares, passeando no Rio de Janeiro. O Sr. Luciano e D. Elza prestaram depoimento, dando informações importantes sobre a vida de Francisco Bolonha

portugueses, tinham tratamento digno e carinhoso.

Com muita tristeza vemos que o Palacete agora caminha para a ruína. O conjunto arquitetônico está mutilado, dois prédios já não existem, outros estão se modificando.

No Palacete Gottfchalk nunca mais...

Amassi Carréra Palmeira

Bibliografia:

Cruz - Prof. Hernesto "A Água de Belém"

Gomes da Silva - Geraldo "Arquitetura do Ferro no Brasil"

Moles - Abraham - "O Kitsch" - Estética

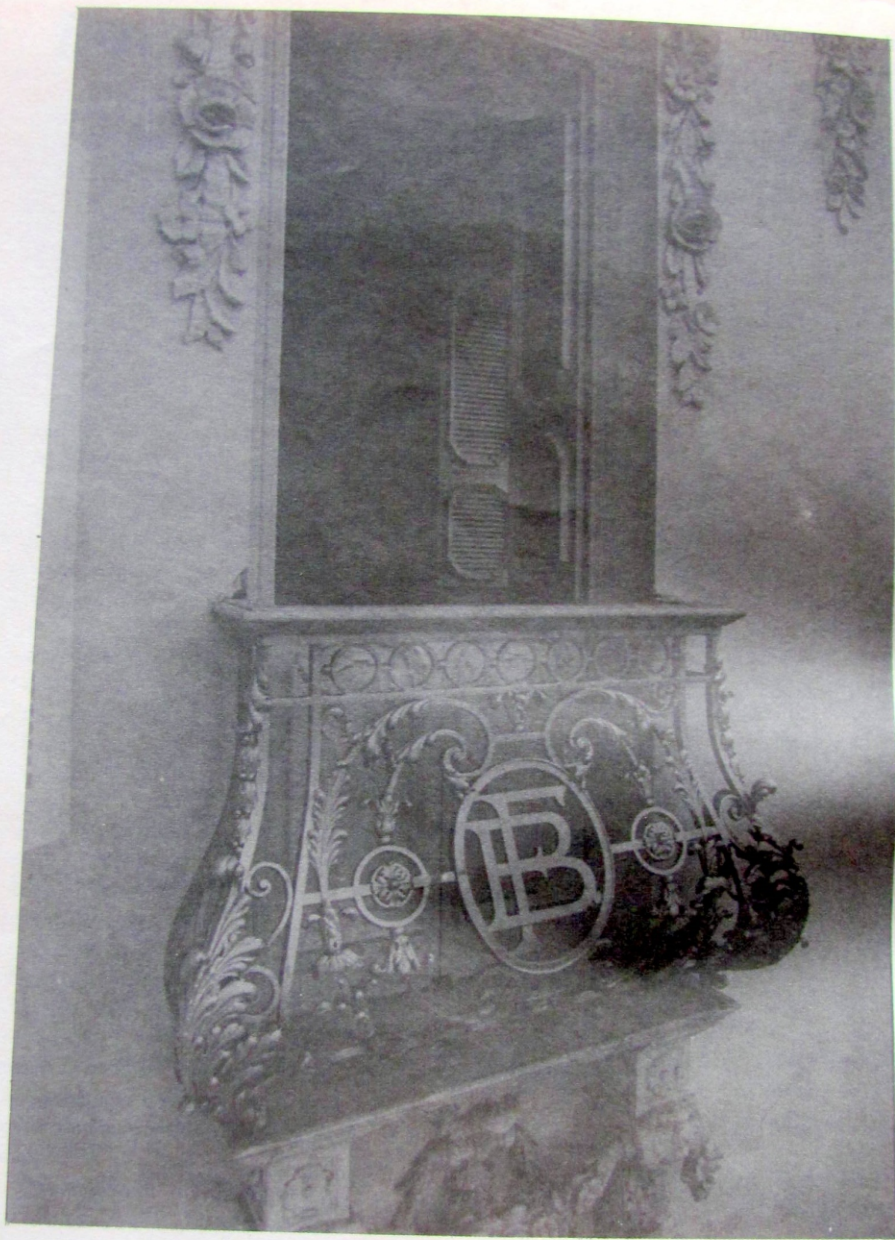
Reis Filho - Nestor Goulart "Quadro da Arquitetura no Brasil"

Foram ouvidos ainda em pesquisa: Sra. Elza Bolonha de Campos Soares (sobrinha e filha de criação de F. Bolonha), Sr. Luciano Soares (esposo da Sra. Elza), Sr. Dr. Jarbas Pereira, secretário particular de Francisco Bolonha e da Escola de Engenharia do Pará, Sra. Eneida Salomonde, Sra. Nazaré Vasconcelos, pianista que estão nas fotos de época, Prof. Gastão Castro Lima - Pró-Reitor da Universidade de S. Carlos - U.S.P., Prof. Maria Anunciada Chaves, Sr. Francisco Bolonha Sobrinho, filho do único irmão de Francisco Bolonha de nome Benjamim.

Derenji - Jussara da Silveira - "Influência Italiana na Arquitetura Eclética Paraense".



Sra. Alice Tem-Brinck, esposa de Francisco Bolonha



Janela do quarto de Francisco Bolonha
(vista para Dr. Moraes e S. Jerônimo)

Francisco Bolonha

AMASSI PALMEIRA



Palacete Bolonha, sede atual da Secretaria de Cultura, Desportos
e Turismo

PESQUISA

O arquiteto que revolucionou Belém com elegância e requinte, deixou "ad perpetuam" a imagem símbolo da cidade que prazerosamente vemos nos cartões postais, onde o perfil do Mercado de Ferro do Peixe, no Ver-o-Pêso, serve de moldura para as canoas multicoloridas de nossos caboclos.

O Mercado de Ferro do Peixe edificado por Francisco Bolonha era de sua propriedade particular, e a ele devemos a urbanização do Ver-o-Pêso, que antes era uma doca inexpressiva.

Ao regressar da Europa, Bolonha solicitou do governo aquela área, que era um grande lodaçal. Como técnico em hidráulica, drenou o igarapé, urbanizou a área e edificou o mercado, cujas peças foram pré-moldadas em placas de ferro na Inglaterra. Foi então que agitou a cidade com a construção de uma fábrica de gelo à rua Gaspar Viana. Assim introduziu a indústria do frio no Pará. Fornecia gelo aos pescadores e deles comprava o peixe que revendia ao povo em perfeitas condições. Levou o conforto do gelo a todos os lares, vendendo-o em carrocinhas elegantes puxadas por cavalo, onde se via a inscrição "Gelo Bolonha". Por onde passavam iam tocando alegremente um pequeno sino, que anunciava o frio saudável, nos dias quentes de nossa cidade.

Bolonha possuía uma posição de real importância em sua classe e na sociedade paraense. Conduzia-se com extrema elegância e sua *finesse* e requinte causavam impacto nas reuniões que promovia em seu Palacete na estrada de São Jerônimo.

Aos domingos reunia as crianças, e costumava obsequiá-las com brinquedos caros, pois sempre teve muita ternura pela infância. Gostava de mágica, e tinha muitos aparatos e livros estrangeiros sobre esse assunto, verdadeiro encanto da petizada. Talvez isso lhe fosse um lenitivo pelo fato de não ter filhos. Construiu também uma "montanha russa" à Trav. Piedade, que ia quase à Praça da República, ganhando muito dinheiro, e divertindo o povo.

Bolonha gostava de vestir-se de branco, aliás era moda naquele tempo, e costumava andar de bonde, apesar de ter comprado automóvel, assim que estes chegaram à Belém. O carro era para sua esposa, e tinha motorista como tam-

bém a senhora Bolonha dispunha em casa de modista exclusiva para a confecção de seus vestidos.

Dona Alice Tem-Brinck, a esposa, era pianista de raros méritos, reunindo em seus concertos, a elite de Belém.

INFÂNCIA E VIDA

O arquiteto Francisco Bolonha viveu sua infância na estrada de Nazaré, esquina com a Rua Assis de Vasconcelos, onde hoje funciona o Grupo Escolar "Florian Peixoto".

Lá era a residência de seus pais, Coronel Francisco Bolonha e D. Henriqueta Bolonha.

Perdeu a mãe muito cedo, tragicamente, a bordo de um transatlântico em uma das muitas viagens que fez à Europa.

Seu pai contraiu segundas núpcias com D. Augusta de Paiva, de ilustre família paraense, que lhe deu mais dois irmãos: Julieta e Benjamim.

De D. Julieta veio a sobrinha que tanto amou, D. Elza de Campos Soares, sua filha adotiva, para quem legou a maior parte de sua herança. (Criou ainda uma menina chamada Nair, que tinha 13 anos por ocasião de sua morte, e mereceu dele um dote de 3 casas na Vila Bolonha).

Foi no Colégio Americano, do Professor José Veríssimo que Francisco Bolonha estudou as primeiras letras, aplicando-se especialmente às ciências. Muito cedo revelou seu interesse pelas coisas de bom gosto, especialmente as artes, mostrando a extraordinária inteligência que mais tarde deixaria em Belém a marca indelével de sua passagem.

Continuou seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro onde diplomou-se e grangeou a admiração e o respeito de colegas e mestres, tornando-se um dos grandes vultos da engenharia nacional.

Viajou para Paris, onde visitou a grande exposição de 1900, deslumbrando-se com a revolução industrial e à vista da torre que George Eiffel construiu para a mesma, e dele tornando-se amigo, abeberando-se de novas técnicas, empolgando-se com cristais e metais que traria para enriquecer os palacetes que construiu em Belém do Pará.

Ao tornar à Belém trazia a esposa, a carioca Alice Tem-Brinck, para quem construiu o famoso Palacete Bolonha, que é um hino de amor à notável pianista que desposou.

O Palacete é cheio de intenções, as mais adoráveis possíveis, e surpreende sempre a cada compartimento que se olhe, desde a concha acústica, o magnífico piso da sala de música, às mansardas enriquecidas com metais e ardósias coloridas.

Ao Palacete segue-se a vila que vai desde a rua Dr. Moraes projetando-se em suave declive que se abre em V, sain-



Francisco Bolonha

Bolonha dava ao povo o que era de melhor, pois habituara-se a tratar seus semelhantes com respeito e dignidade.

A sala de jantar dos criados do Palacete Bolonha tem a mesma decoração em ouro e o mesmo tratamento da sala de jantar do próprio Bolonha.

É sabido por todos quantos frequentavam a família de Francisco Bolonha a generosidade com que este tratava seus amigos e empregados.

Foi um dos grandes animadores da Escola de Engenharia do Pará onde deu-se ao magistério superior, legando à mesma toda a sua preciosa biblioteca e uma escultura em bronze de grande valor.

Em recompensa pelos grandes serviços prestados à Congregação e ao Corpo Docente homenagearam o venerando mestre e diretor com uma placa comemorativa do seu tirocinio no Instituto.

Em 27 de abril de 1968, no salão nobre da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Pará, seu retrato foi solenemente apostado na galeria dos retratos dos ex-diretores e fundadores da Escola.

Do discurso pronunciado na oportunidade pelo Eng. Jarbas Pereira, destacamos este trecho: "Francisco Bolonha fundador, professor e quarto diretor, de 1935 a 8 de julho de 1938. Faleceu no exercício da diretoria que assumira quando da primeira grande crise que ameaçou a sobrevivência da Escola. Grande Benemérito". Francisco Bolonha lecionou ainda na Escola Superior de Agronomia a cadeira de Hidráulica Agrícola, entre os anos de 1923 à 1927.

O Interventor José Carneiro da Gama Malcher chamou-o para ser seu Secretário de Estado de Viação e Obras Públicas, tornando-se notória sua fama de excelente administrador público. Prestou ao Governo e ao Estado do Pará inúmeros e inestimáveis serviços.

Participou da construção da caixa d'água da rua O' de Almeida (hoje demolida) e dos serviços de água do Uttinga, onde fez um canal e um lago que lhe guardam o nome.

Da caixa d'água da O' de Almeida vale falar um pouco mais.

Em dezembro de 1904, já na administração do Dr. Augusto Montenegro, começaram os trabalhos preliminares da montagem do reservatório "Paes de Carvalho" (este era o nome da Caixa d'água) e dele dizia em 1908 o governador paraense em sua mensagem dirigida ao Congresso Legislativo: "Tem a forma esbelta dos altos pilares preconizados por George Eiffel na construção dos grandes viadutos e na edificação da sua célebre torre de 300 metros de altura.

"Coube ao engenheiro Inocêncio Holanda de Lima a organização do orçamento e planos de construção, ficando o Dr. Francisco Bolonha na direção do serviço de acordo com o determinado na oorta-

ria nº 1.047, de 25 de outubro de 1904; porém, somente à 30 de julho de 1912 foi o reservatório inaugurado porque apresentava "alguma falha de fundição".

Apesar de todos os esforços empregados para o eficiente funcionamento do Reservatório "Paes de Carvalho", nem sempre foi possível colher resultados satisfatórios. "Algumas das principais peças de encanamento vieram da Europa, tendo o Dr. Montenegro encomendado aos fabricantes Walter Macfarlane & Cia., da Inglaterra, um gradil com um portão monumental — o que daria ao conjunto aspecto mais atraente e grandioso". (Hoje o portão e gradil estão no palacete residencial do Governador, à Av. Independência).

As dificuldades causadas pela 1ª Guerra relegaram o reservatório "Paes de Carvalho" a segundo plano. Durante muito tempo ficou abandonado até que as "condições gerais do reservatório ficaram muito precárias".

Constatara-se que em mais de 1700 pontos a estrutura do suporte, desde a base, do solo até a plataforma principal, estava oxidada sendo que centenas daqueles pontos representavam deterioração

"A propósito dos motivos que deram causa ao desaparecimento do engenheiro Bolonha, entrevistamos o seu amigo Jarbas Pereira, funcionário na época das Obras Públicas, com quem sempre era visto o saudoso extinto. Satisfazendo-nos, respondeu-nos o Dr. Jarbas que foi numa 3ª-feira, às 4 horas da tarde, quando o Dr. Bolonha descia as escadas da Escola de Engenharia e sentiu ligeira perturbação, quase perdendo o equilíbrio".

"Mesmo assim ainda compareceu à sessão do sindicato de engenharia que se efetuou naquela hora no Edifício da referida Escola".

Não obstante as ponderações de seu amigo, Bolonha relutou em ir para casa, acedendo finalmente, seguiu no carro em companhia dele, Jarbas.

No dia seguinte pela manhã, quando foi visitá-lo, teve a surpresa de não o encontrar, pois Bolonha, seguindo seus hábitos, saíra às 6 horas da manhã.

extensa (of. nº 72 do Dr. Augusto Meira Filho, Diretor do Serviço de Água ao Interventor Federal no Estado).

E por tudo isso a velha e memorável caixa d'água foi demolida, desaparecendo mais um aspecto do perfil de Belém que Bolonha traçara.

Francisco Bolonha foi também chamado para opinar sobre construção da Estação de Tratamento de Água da Praça Floriano Peixoto (hoje largo de S. Braz), entre as Av. São Jerônimo e Independência.

O arquiteto fez ainda outras edificações tais como o Bar do Parque (ao lado do Teatro da Paz), o quiosque do troço do Bonde em frente à escadilha na rua 15 de Agosto (hoje Presidente Vargas). No local ergue-se a estátua de Pedro Teixeira. Era muito falado este quiosque, porque vez por outra recebia uma trombada de bonde. Projetou também o edifício da "Folha do Norte".

O arquiteto Francisco Bolonha era amigo e admirador do jornalista Prof. Paulo Maranhão, para quem construiu com carinho e dedicação o edifício da "Folha do Norte", que é um dos mais característicos do norte do Brasil, por suas li-

nhas elegantes onde se nota nitidamente o estilo art-nouveau e também por ser um dos pioneiros de estrutura metálica, o primeiro a ser construído aqui no Pará (e dizem que também na América do Sul).

Francisco Bolonha construiu uma rampa para pouso de aviões na Baía do Guajará.

O arquiteto Bolonha enriqueceu com novas propostas visuais nossa cidade até então voltada para o barroco português. De seus ensinamentos brotaram luzes em muitos jovens que hoje formam a elite cultural de nosso Estado.

Bolonha dedicou à sua terra natal toda uma vida de trabalhos profícuos. Ele — que tivera tantas oportunidades de vencer facilmente no exterior e no sul do país — preferiu aqui plantar suas raízes, e deixar para a posteridade, todo o testemunho de seu amor ao Pará e à cidade onde nasceu.

Todos os que visitam o Ver-o-Pêso contemplam o espírito arrojado de Bolonha materializado no lindo Mercado de Ferro do Peixe, que um dia fora uma de suas fontes de renda, desapropriado na 1ª Interventoria de Magalhães Barata

Os últimos dias

Sem perda de tempo, o nosso interpelado foi ao escritório do Engenheiro, à rua Gaspar Viana, onde possuía uma fábrica de gelo, e aí o encontrou, porém, francamente abatido. Fez-lhe ver o Sr. Jarbas a inconveniência de ir à Escola de Engenharia, e à diretoria de Obras Públicas, pois o seu estado de saúde não lhe permitia. Atendendo-o, Bolonha, tomou um carro às 9 horas da manhã, recolhendo-se ao Palacete

Foi com muita dificuldade que galgou as escadas do porão para o 1º pavimento apoiado ao Sr. Jarbas Pereira.

Ao entrar no apartamento, o Dr. Bolonha caiu prostrado numa cadeira de embalo, ficando entregue aos desvelos da esposa muito aflita com seu estado de saúde.

Mesmo assim Bolonha não concordou chamar médico. Para o Sr. Jarbas, às 10 horas, parecia estar o amigo mais tranqüilo, e foi até a Secretaria das Obras Públicas, retornando às 11,30 horas.

Encontrou-o dormindo com respiração ofegante.

"À tarde do mesmo dia, às 16 horas, estando o Sr. Jarbas na Escola de Engenharia, recebeu chamado urgente da esposa, que à pedido de madame Bolonha fosse com a máxima rapidez levar um médico à sua residência, pois seu esposo tivera agravado o seu estado de saúde e concordara em receber a visita de um médico".

Sem perda de tempo foi à procura do Dr. Acilino de Leão, não o encontrando, porém, em várias partes deixou recado para o clínico, solicitando o seu comparecimento à casa do enfermo.

"Às 17 horas, chegou o Dr. Acilino ao consultório e lhe disse já ter estado com o doente, acrescentando tratar-se de caso grave, encontrando o organismo do enfermo combalido por antiga diabetes descuidada. (A verdadeira causa da morte de Francisco Bolonha foi causada por um calo arruinado, no artelho, complicada com a glicemia).

No dia seguinte, 5ª-feira, o enfermo demonstrou melhora, voltando porém, o seu estado geral a agravar-se depois das 18 horas e até 6ª-feira, às 23,30 horas, quando se verificou o desenlace. Uma hora antes foi chamado o médico assistente, confessando este que nenhuma esperança deveriam nutrir pelo enfermo. De fato, às 14,30 horas, o Dr. Francisco Bolonha, após receber os sacramentos

da igreja ministrados pelo Padre Afonso Di Giorgio, Vigário de Nazaré, cercado de sua família e amigos, dava o último suspiro.

OS FUNERAIS

Pouco depois das 16 horas foi o ataúde levado da câmara mortuária para o coche da Ordem 3ª de S. Francisco, à qual pertencia o extinto. Formou-se então o prés-

tito fúnebre, composto de 62 autos, e 4 carros elétricos, com grande acompanhamento.

Seguiu o cortejo até a necrópole de Sta. Isabel, onde foi inumado na catacumba temporária nº 448.

Do coche pendiam várias coroas, todas em "Biscuit": "Ao Dr. Francisco Bolonha homenagem do Dr. José Malcher, Interventor Federal"; "Último adeus de sua esposa"; "Saudade de Hildo Ramos e filhos"; "Ao seu eminente sócio, homenagem do Sindicato de Engenharia do Pará"; "Gratidão da Sta. Casa ao seu sócio Benemérito", e outras".

Na catacumba foram postos inúmeros ramalhetes de flores naturais.

Fizeram parte do préstito as Casas Civil e Militar do Dr. José da Gama Malcher, Interventor do Estado, e do Prefeito de Belém; o Chefe de Polícia; Diretores dos Serviços Públicos; funcionários de várias repartições, magistrados, comerciantes, industriais, engenheiros, professores e estudantes, além de pessoas de várias classes sociais.

"O Dr. José Malcher, Interventor Federal do Estado, e o Sr. Abelardo Conduru, Prefeito de Belém, visitaram a família enlutada no Palacete Bolonha, pela manhã.

Os corpos docentes e discentes da Escola de Engenharia acompanharam o enterro.

Apresentou sentimentos à viúva em nome do professor Paulo Maranhão, diretor da "Folha do Norte", o jornalista José Santos.

"A Escola de Engenharia decretou luto oficial por 8 dias pelo falecimento do Dr. Francisco Bolonha, suspendendo as aulas por 3 dias".

Esta reportagem foi extraída da "Folha do Norte" de 10 de julho de 1938.

Francisco Bolonha nasceu a 22 de outubro de 1872 e faleceu a 8 de julho de 1938.



Escada em caracol

O palacete



Carranca de leão no telhado de ardósia colorida

O aspecto visual externo do Palacete Bolonha é interessante porque ele é, na realidade, um palacete francês fortemente influenciado pela época das grandes exposições industriais européias.

O período eclético da arquitetura francesa faz-se notar especialmente na mistura que se vê do barroco puxado ao rococó largamente aplicado nos exteriores do prédio.

O decorativismo do Palacete Bolonha é bastante intenso, bastante grande, bastante intenso, e tem uma cobertura à la Mansard com telhas pintadas propositadamente para dar um jogo visual à distância.

O colorido vermelho e marrom nas ardósias cinzentas lembra muito os palácios franceses, as construções dos boulevards mais antigos de Paris, embora as agulhas do teto sejam características do fim do século que teve uma influência gótica.

Alguns arquitetos franceses adotaram o gótico como arquitetura de libertação, de verdade de forma, espiritual, ascendente ao mesmo tempo com um decorativismo misto, eclético onde se nota elementos neoclássicos e elementos art-nouveau.

Francisco Bolonha não se preocupou em seguir um estilo ao edificar seu palacete; ele aplicou o eclétismo que aprendeu na Europa, evidentemente adequando-o às suas necessidades.

O portão e as grades são bastante art-nouveau, como também o é o revestimento floral exteriores e os portais do 1.º piso embora com elementos ecléticos, neo-clássicos que se nota em todas as estruturas decorativas.

O Palacete Bolonha é um "Kitsch" de bom gosto.

O "Kitsch" obedece a vários princípios sendo o principal deles o da inadequação.

A medida que vão passando os períodos históricos o acúmulo de conhecimentos faz com que de um determinado período para diante comece a haver mistura de conceitos e idéias.

Surtem então as edificações misturando elementos decorativos diferentes.

Notamos uma estrutura de inadequação quando acontece a conjução de elementos de épocas diferentes.

Essa inadequação no Palacete Bolonha é estreitamente alegre, descontraída e criativa.

Bolonha foi capaz de fugir de um padrão. Embora tivesse o barroco português na sua frente ele não se preocupou em seguir esse estilo.

Ele aplicou como já foi dito o ecletismo que aprendeu na Europa e evidentemente adaptou o palacete às suas necessidades de trabalho.

O sistema de ventilação do palacete é fantásticamente bem feito, com a escada em espiral que é uma verdadeira chaminé de ventilação.

O Palacete Bolonha tem aspecto estruturais e arquitetônicos que são muito verdadeiros, muito válidos, e seriam válidos em qualquer época.

Na fachada tem estátuas nichadas (que se encontra no neo-clássico e no art-nouveau) com motivos de flores locais.

— O hall de entrada que é eclético no sentido de misturar coisas, combina a decoração floreal com elementos neo-clássicos tais como medalhões, molduras e capitéis.

Vê-se a mistura de folha de acanto com flora local.

Nos compartimentos do 1.º piso sente-se as duas influências: a do art-nouveau a neo-clássico. Na sala de música por exemplo tem motivos alegóricos que representam a música, de

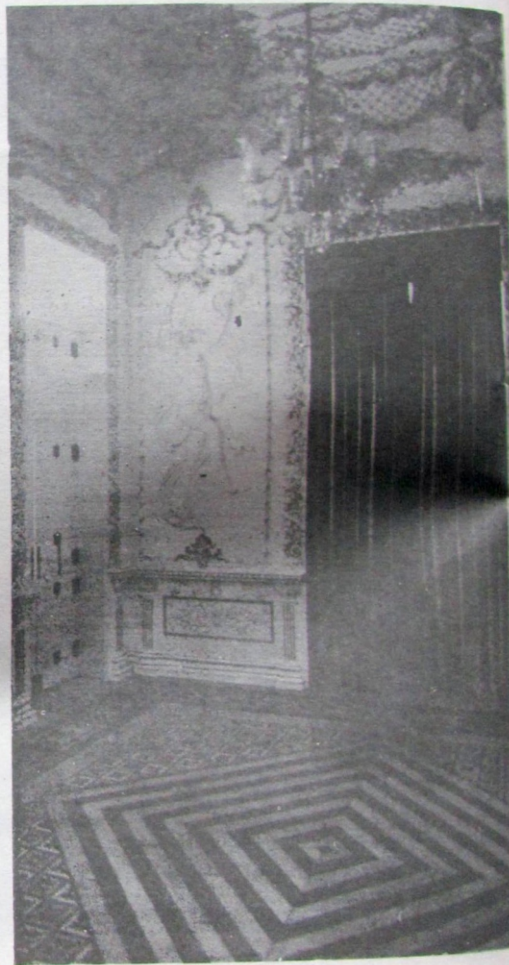
características bastante acentuadas deste fim de século meio acadêmico deste fim de século meio acadêmico. capitéis coríntios e acabamento bem pesado que lembra muito o rococó molduras, capitéis, e moldura de francês. Vê-se também medalhões, lhas de acanto com flora local.

Daí, passados para a sala de banquete que tem uma severidade absoluta com um carregamento rebuscado de decoração neo-clássica.

A sala de jantar tem características de art-nouveau no piso e algum sistema decorativo. É um aposento bem característico de um aspecto singelo da casa.



A autora na conversadeira do Palacete



Salão de música

ESPAÇO



A lucarna permite boa iluminação do ambiente

ESPAÇO

A casa tem aspectos mais singelos e mais complexos. Este aposento é de uma singeleza muito grande. Todo branco com iniciais FB, em ouro nos azulejos da parede. É o aposento mais adequado, (ele não é "Kitsch", "Kitsch" é o conjunto do prédio) e tem influência bastante grande do art-nouveau no piso com aqueles ladrilhos em motivos de campânulas e no teto com motivos florealis em ouro nos desenhos que Francisco Bolonha mandou executar na Europa. Ai tem também molduras de influência grega.

No primeiro piso fica ainda o "lavabo" totalmente revestido de azulejos magníficos onde Bolonha usou como motivo as famosas rosas de todo-ano do Pará (que dão felicidade) e o piso anti-derrapante de cristal. (Hoje está desfigurado com uma escada de madeira grotesca que substitui a linda escada de ferro batido que tinha as iniciais em ouro de Francisco Bolonha).

Ainda no 1.º piso está situado o banheiro social, com louça e torneiras inglesas, mas com azulejos de flora local, com figurações de água pés, libélulas e gaivotas da Amazônia.

É muito criativo e adequado usar flor de água no banheiro. Ai Bolonha mantém ainda o piso art-nouveau.

Como ilustração vale dizer que o banheiro é sempre uma peça complicada, porque só no século XIX passou para o interior da casa. Antes existiam nos exteriores por causa das instalações de água e esgoto. Só com o advento da industrialização o banheiro foi incorporado a casa, como a cozinha também. Nota-se nos banheiros antigos um tremendo espírito de inadequação em tentar combinar motivos de uma era industrial com motivos de eras pré-industriais.

No 2.º piso do Palacete Bolonha encontra-se o banheiro principal, que tem ferragens inglesas magníficas, uma banheira linda, que ele enclausurou num bloco de mármore neo-clássico fazendo um box de chuveiro e ducha, como se fosse até uma capelinha.

Então todas aquelas louças e ferragens ficam escondidas inadequadamente numa colocação que é bastante clássica. O box foi um conceito válido. Ele percebeu que o box deveria ser fechado para não molhar o banheiro. Claro que Bolonha não poderia ainda ter sentido essa revelação, essa nova proposta formal que dá a civilização industrial.

Em outras casas as duchas circulares são expostas, então a água espalha-se pelo banheiro e molha tudo.

Não existia ralo, e a água nesse tempo tinha que ser retirada na base do rodo e do pano molhado.

No Palacete Bolonha o arquiteto conciliou duas coisas inconciliáveis: O sistema mecânico já da era industrial com o sistema pré-industrial de mármore decorados.

O banheiro de Bolonha, com seu piso de mármore branco e preto, é muito elegante.

Aliás o arquiteto foi variando os pisos no Palacete usando pastilhas azul e branco, rosa e branco, e só usou madeira acapú e pau amarelo nos aposentos de dormir do 3.º piso.

No 2.º piso está situado a sala de costura de Bolonha, que é bem eclética, e não tem características definidas. Ela faz jogo com o hall de entrada, menos art-nouveau que este, no entanto.

Chama a atenção o fato de a decoração ir se tornando mais leve, medida que se vai subindo no Palacete, o que mostra o quanto Francisco Bolonha era um homem simples.

Ainda no 2.º piso há uma salinha com a mesma decoração lindíssima da sala de costura, um amplo aposento de frente (que foi outrora quarto de hóspedes) bem neo-clássico em seu aspecto e ainda contigua a este uma saleta que faz vista para a Governador José Malcher. Ai no 2.º piso terminava a magnífica escada de mármore com leões que vinha desde o térreo (Hoje não existe. Resta somente o acabamento superior que ficava no 2.º andar, colocado a cada lado do balcão da sala de banquete).

No 3.º piso ficavam os aposentos de dormir, o gabinete de trabalho do arquiteto Bolonha, e a capela que fora consagrada à N. S. de Nazaré.

O gabinete de trabalho é bem espartano, simples e elegante, apesar da biblioteca ser em uma parte superior a que leva a linda escada de mármore. Há o quarto de vestir de Bolonha mais amplo, e o quarto de dormir bem menor que fica de esquina com vista para a Gov. José Malcher, e para a vila Bolonha. Há ainda o quarto da sobrinha e filha de criação que tem vista para a baía do Guajará. Ai os pisos dos quartos são lindos em acapú e pau amarelo, igualmente como o da sala de música que é precioso trabalho de entalhe nessas mesmas madeiras da Amazônia.

A linda capela feita com todo carinho pelo arquiteto hoje está desfigurada em uma sala de banho, fruto da insensatez e mau gosto de um dos muitos proprietários que teve o palacete.

O quarto da sobrinha e filha de criação também está desfigurado, transformado numa copa grotesca.

Toda a parte superior interna do Palacete é neo-clássica, o art-nouveau aparece em baixo e no conceito do prédio, o que mostra que Bolonha não era um homem muito complicado.

A casa tem um conceito vertical onde se domina toda a cidade.

A mansarda é o aposento mais gostoso, onde não houve a preocupação de criar nenhum estilo. Bolonha obedeceu a linha da estrutura do telhado (a parte interna da mansarda) e fez um depósito que poderia ser um ambiente de viver. Através desse depósito pode-se chegar à cobertura onde há um quiósquezinho externo de onde se vê todo o decorativismo e a elegância do teto, com grades imitando flor de lis, símbolo da realeza francesa.

Na cobertura vê-se lucarnas, e mansardas, todas que ventilam agradavelmente o forro (Na arquitetura brasileira chama-se camarinha).

O Palacete Bolonha não tem jardins. Quando Bolonha fez o palacete o conceito de jardim não era comum ainda. Esse conceito de jardim é inglês, industrial. O jardim de frente já é conceito do século XX.

No início, as casas eram grudadas uma às outras. Depois apareceu o jardim só de um lado. Posteriormente surgiram dos dois lados e por último, na frente

Foram os urbanistas ingleses que preconizaram o afastamento da casa do ambiente já poluído da rua, criando o jardim de frente.

O máximo que o Palacete Bolonha poderia ter era um jardim lateral. Mas Francisco Bolonha criou um palácio auto suficiente desligado da terra.

Ele não precisava da terra. Estava sobre ela e subia em sentido vertical.

O prédio é um "Kitsch" de inadequação em todo o seu conjunto.

É um "Kitsch" muito alegre, muito elegante, muito criativo.

Na versão original alemã, o "Kitsch" foi criado para objetos de mau gosto. Mas agora não é necessariamente de mau gosto.

Atualmente é um sistema que se vê na sociedade de consumo por causa do fracionamento racional da mesma. Todo mundo é meio "Kitsch".

As informações técnicas contidas nesta análise do Palacete Bolonha nos foram prestadas pelo prof. Luiz Gastão Castro Lima, pró-reitor da Universidade de S. Carlos, da USP, a quem deixamos aqui os nossos agradecimentos.



Detalhe do telhado com acabamento em flor de lis



Sra. Amassi Palmeira e D. Elza Soares em entrevista no Palacete Bolonha



Coluna em estilo corintio

